

MEMÓRIAS LITERÁRIAS DA ESCOLARIZAÇÃO (1890-1910): DRUMMOND & MORLEY

Maria Amélia Dalvi

Grupo de Pesquisa Literatura e Educação

www.literaturaeeducacao.ufes.br

Universidade Federal do Espírito Santo

maria.dalvi@ufes.br

PROJETO COLETIVO (2015-2019)

- **Eixos de estudo e pesquisa:**
- a) práticas & representações , apropriações, objetos culturais e comunidades interpretativas atinentes à literatura, quer sejam ou não atravessadas pela escolarização;
- b) processos de educação/formação literária, quer sejam ou não atravessados pela escolarização;
- c) processos de escolarização, a partir de fontes literárias, tanto no que diz respeito a sujeitos-empíricos, quanto no que diz respeito a sujeitos-ficcionais.
- **Perspectivas teóricas:** Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin; Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski; Nova História Cultural (Burke, Certeau, Chartier, Ginzburg); Sociologia do Simbólico e Crítica Social do Julgamento (Bourdieu); Teoria Crítica da Sociedade (Adorno, Arendt, Benjamin) – escolhidas em função dos projetos.

PROJETO PESSOAL: PONTO DE PARTIDA

- Levantamentos bibliográficos - Literatura e Educação

(Banco de Teses e Dissertações da Capes; Portal de Periódicos da Capes; Registros bibliográficos da Biblioteca Nacional).

CONSTATAÇÕES:

- Número mínimo de trabalhos de fôlego que levem em conta memórias (literárias ou não) do/no processo de escolarização. Muitas memórias são analisadas da perspectiva da formação dos leitores literários, mas poucas tomam como recorte o processo formal de educação.
- Com a “ascensão” da memória (seja no campo da educação, seja no campo da literatura), não deixa de ser curiosa essa quase-ausência.

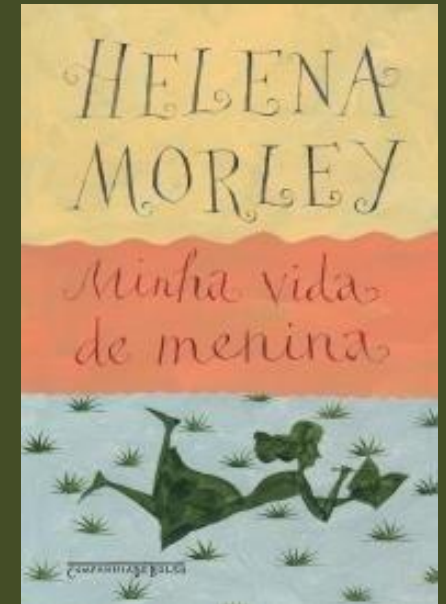
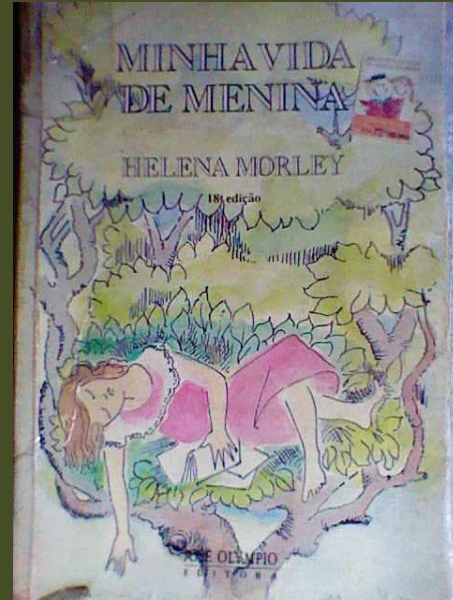
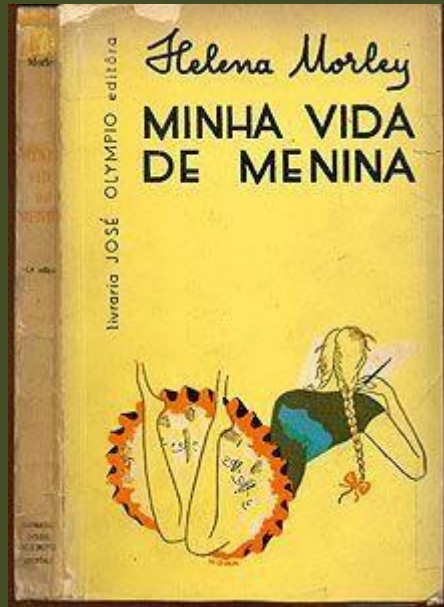
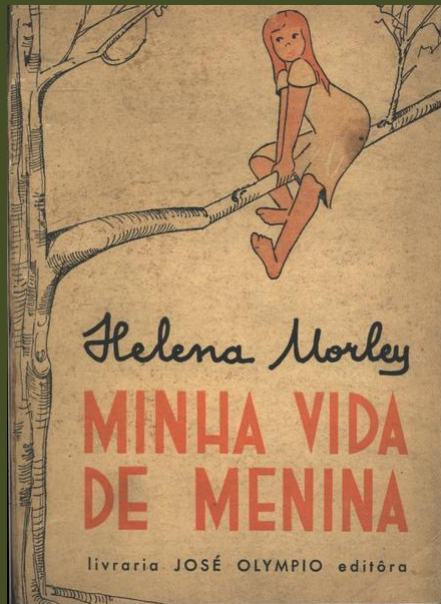
RECORTE E HIPÓTESE

- Este trabalho segue **indícios** espargidos por obras literárias brasileiras publicadas em diferentes momentos (no caso, década de 1940 e 1960-70), que recuperam memórias da escolarização entre as décadas de 1890 e 1910.
- Parte da hipótese de que, em contextos repressivos (no caso, Estado Novo e Ditadura Militar), há sintomaticamente uma **volta às memórias do passado** – particularmente, a memórias de situações de tolhimento da liberdade e a situações em que diferentes formas de violências (físicas e/ou simbólicas) são sancionadas, aceitas, legitimadas. Como na escola da passagem do século XIX ao XX.
- O recurso ao dispositivo memorialístico cumpriria não uma função evasiva, narcísica ou hedonista, mas uma função reflexiva (pela elaboração da experiência em face do vivido), pela via do trabalho intelectual. Esse trabalho cooperaria na recuperação e retomada de formas críticas e criativas de resistência, a partir da experiência de sujeitos que já participaram de contextos repressivos análogos.

POR QUE PENSAR MEMÓRIAS DA ESCOLA?

- Na modernidade, a escola é o lócus de formação na/para a vida cidadã pela via do esclarecimento – e, desse modo, seria, em tese, a instituição mais afinada ao projeto de emancipação e autonomização dos sujeitos, no processo de construção de uma sociedade livre, igualitária e solidária.
 - No entanto, sabidamente, a escola não existe alheamente ou independentemente da sociedade que lhe constitui e pela qual é constituída. Por isso, historicamente, a escola é um lugar quase aporético:
 - a) De um lado, um lugar de repressão, controle, restrição da liberdade e de diferentes graus e formas de desigualdade e violência: e, portanto, o lugar de questionamento de toda a utopia moderna.
 - b) Por outro lado, a escola é também um espaço de resistências e antagonismos (seja ao projeto moderno, seja a seu antípoda: o fascismo).
- Nesse sentido, a escola é um lócus privilegiado para indagar à sociedade.

CORPUS: MINHA VIDA DE MENINA (HELENA MORLEY) – TEXTOS EM PROSA

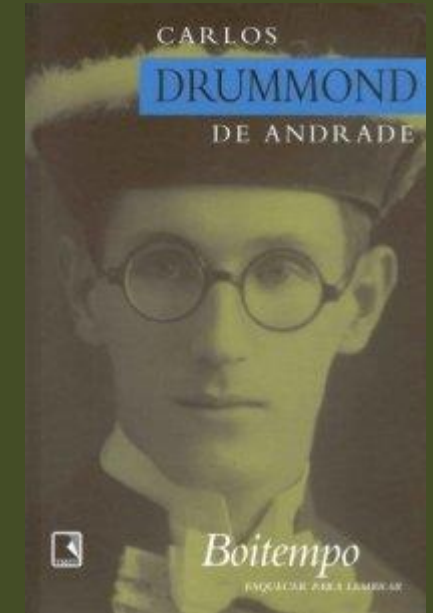
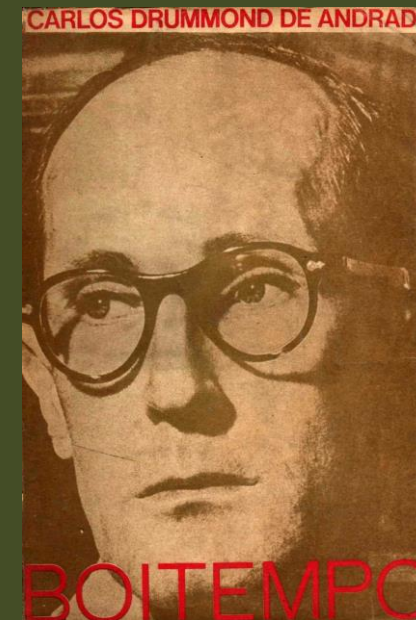
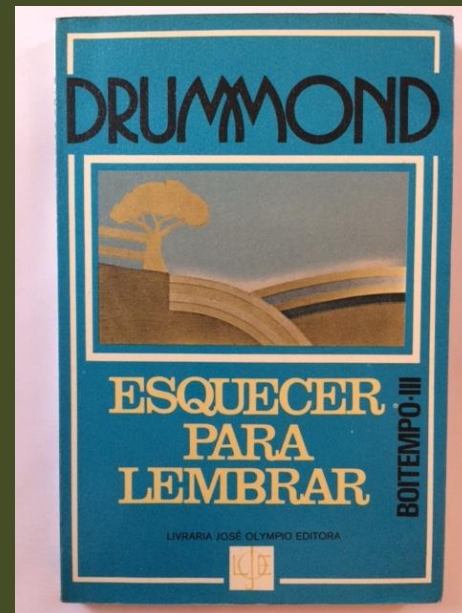
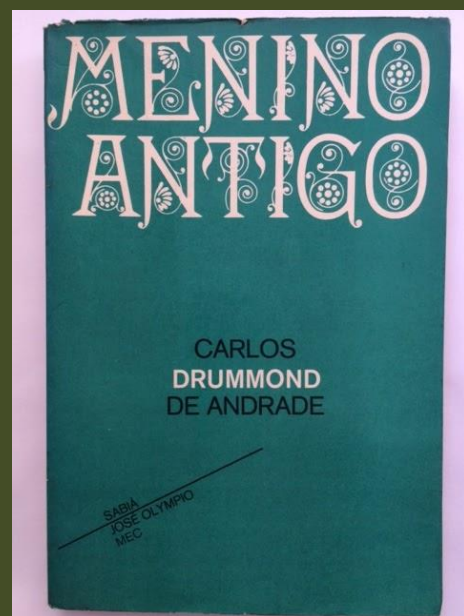
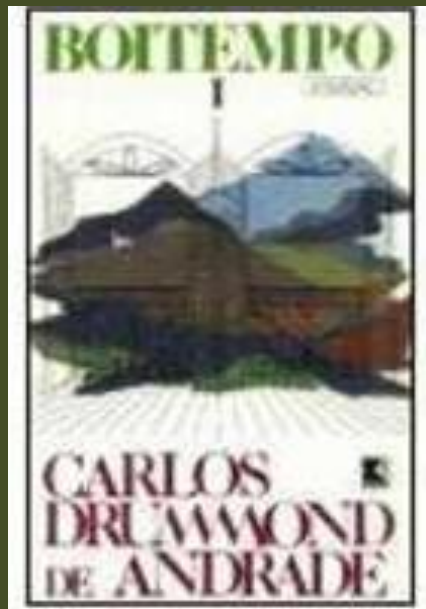


1ª edição: 1942 e sucessivas reedições até o presente; diário de menina provinciana do final do século XIX (1893-1895); decadência de Diamantina – MG.

Helena Morley é pseudônimo de Alyce Dayrell Caldeira Brant. Dúvidas sobre a efetiva autoria juvenil. Boa recepção (Drummond, Rosa, Herculano, Schwarz etc.).

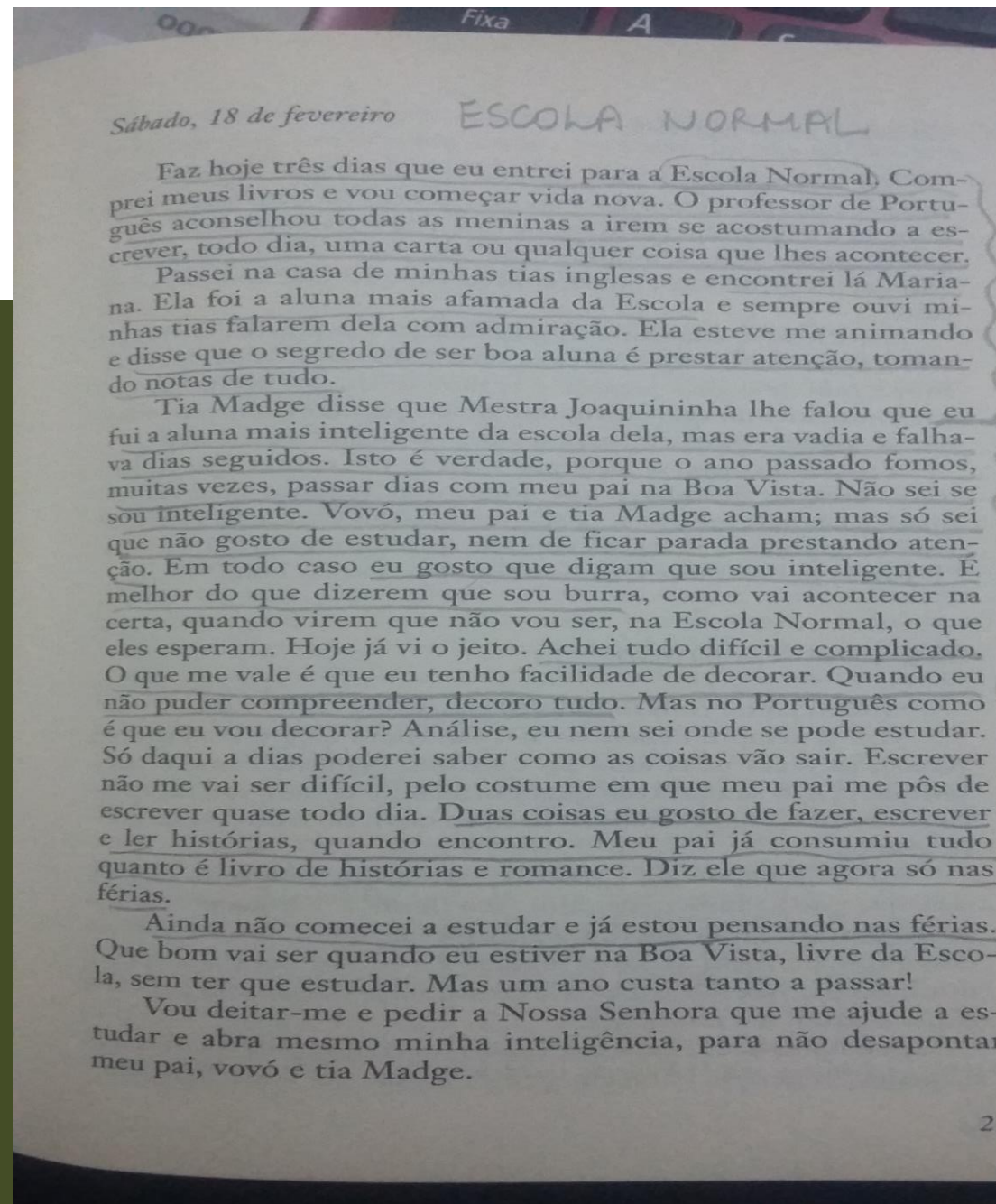
CORPUS: BOITEMPO (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) – TEXTOS EM VERSO

Publicado inicialmente em 3 partes: (In)memória, 1968; Menino antigo, 1973; Esquecer para lembrar, 1979. Memórias em versos. 7 partes. 2 tratam de memórias da escola (fundamental e médio). Recepção inicial negativa (baixa inventividade; curiosidade narcísica; provincianismo etc.); movimento de revalorização.



HELENA MORLEY

- A Escola Normal
- Desejo de "começar vida nova" (oposição à identidade como estudante "vadia" e "falha") x resistência ao padrão escolar
- Aluno modelo (Mariana): prestar atenção, tomar notas
- Questionamento à noção de inteligência x importância em ser reconhecida como Inteligente
- Tática: superar a dificuldade de compreensão e aprendizagem pela memorização
- Proeminência da disciplina Português (o que o professor diz, análise, escrever/ler)
- Desejo de escapar à escola (férias) / tempo que demora a passar
- Pressão/expectativa e medo de desapontar a família
- Tom irônico e humorado



HELENA MORLEY

Sergio lá, e estava certinho. Dindinha, mamãe e as tias ficavam de boca aberta, de ver como eles passavam direito, como se fosse no telégrafo. Comemos muito carajé. Tivemos uma boa mesa de chocolate, café e sequilhos, e as tias saíram falando da inteligência dos meninos de lá. Tia Aurélia faz tanta coisa boa, porque sabe que todos vão admirar os filhos dela e ficar com inveja. Mamãe é uma que daria a vida para nós sermos como os filhos de tia Aurélia, que só vivem estudando. Mas ela mesma já se convenceu de que tudo que os filhos de tia Aurélia fazem, mais do que nós, é porque o pai deles é comerciante e pode olhar os filhos. Nós, com meu pai vivendo fora, na lavra, e ma-

ESTUDO

27

mãe querendo ir sempre atrás dele, teremos mesmo de ser como somos.

Sábado, 25 de fevereiro

Hoje tive o maior espanto de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio

- Aguda consciência das disputas sociais (competição, desejo materno, vaidade etc.) explícitas e veladas. Consciência de classe e de situação familiar e, ao mesmo tempo, autojustificação. "Saúde" psicológica x inferiorização irônica ("teremos mesmo de ser como somos"); "resignação".

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Mamãe, quero voltar imediatamente.
Diz a Papai que venha me buscar.
Não fico aqui, Mamãe, é impossível.
Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro este infinito espaço ultrafechado.
Esta montanha aqui eu não entendo.
Estas caras não são caras de gente.
E faz um frio e tem jardins fantásticos mas sem o monsenhor, o beijo, a crisandália que são nossos retratos de jardim.
Da comida não queixo, é regular mas falta a minha xícara, guardou para quando eu voltar?
Ai Mamãe, minha Mãe, o travesseiro eu ensopei de lágrimas ardentes

e se durmo é um sonhar de estar em casa que a sineta corta ao meio feito pão:
hora de banho madrugadora
de chuveiro gelado, todo mundo.

Nunca tomei banho assim, sou infeliz longe de minhas coisas, meu chinelo, meu sono só meu, não nesta estepe de dormitório que parece um hospital.
Mamãe, o dia passou, mas tão comprido que não acaba nunca de passar.
Um ano é minha frente? Não aguento.
Mas vou fazer o impossível. Me abençoe.
E faz um frio... A caneta está gelada.
Não te mando esta carta que um padre leria certamente e me põe de castigo uma semana (e nem tenho coragem de escrever).
Esta carta é só pensada.
(ANDRADE, 1992, p. 655-656)

- Inadaptação
- Espaço fechado e pouco acolhedor, não-familiar, impessoalidade, frieza
- Rituais (sineta, horário de banho etc.)
- Tempo que demora a passar
- Censura

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Maestro Azevedo, em hora de inspiração
compõe a Marcha de Continência
que a banda executa com bravura
dócil.

Vêm depois Salut au Drapeau , de Van Gael,
Per la Bandiera , de Lamberti.

Sem esquecer, meu Deus, a Canção do Soldado
que nos acompanha até no passeio geral,
espontânea, sem banda, imperiosa,
no garganteio, no assobio.

As bandas!

Para isto existem elas
e também para dispensar de aula
os músicos na hora de ensaiar.

Se eu soubesse tocar alguma coisa
no mínimo instrumento
(ao menos fingir que...)

Nada, rendosamente nada.

Tenho que marchar, canhestro, em continência.
(ANDRADE, 1992, p. 662).

- Formação cultural escolar instrumentalizada pelo projeto militaresco (banda marcial / repertório).
- Deboche em relação ao professor.
- Mesmo sem banda, a execução da “Canção do Soldado” segue no assobio, pela adesão geral.
- Ironia debochada em relação à função da banda escolar.
- Desejo de tocar um instrumento e integrar a banda (“alto”), para fugir à aula (“baixo”).
- “Resignação”.

BREVE ANÁLISE COMPARATIVA

- Tanto a prosa de *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana* nos fins do século XIX, de Helena Morley, quanto os poemas de *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, põem em evidência o (des)lugar do sujeito – com sua singularidade e capacidade de resistência – em um sistema cultural que, idealmente, deveria atender ao processo de esclarecimento e formação cidadã, pela via da identificação e pertencimento social, mas que, no entanto, funciona como dispositivo social de normalização e inculcação autoritária e conservadora.

- A consideração dos textos memorialísticos em tela (*Minha vida de menina* e poemas de *Boitempo*) repele a compreensão de uma memória como devaneio, sonho ou processo espontâneo, e agencia uma noção de memória como trabalho ao qual se aplica um sujeito social e historicamente situado; por isso, é necessário recuperar a escrita memorialística em sua disposição in(ter)ventiva no espaço discursivo em que se produz e dá a ler.
- Há, pois, indícios – hauridos ao texto literário e às lentes teóricas escolhidas – da situação complexa do sujeito que se nega a abrir mão de sua singularidade e capacidade de resistência no processo de educação formal consignado pela sociedade em que se educa: um processo normalizador, autoritário e violento.

- Dessa perspectiva, estudar memórias literárias da escolarização – ao menos no recorte feito: que remetem ao período entre 1890-1910 e que foram publicadas em contextos repressivos, como o Estado Novo e a Ditadura Militar – é um gesto político de trazer à tona a indissociabilidade ético-estética de escritas ficcionais que tematizam experiências subjetivas de resistência em face de instituições formais (como a escola) que cooperam, muitas vezes, mais no sentido de reproduzir a sociedade que transformá-la.